

[Francinele] Eu acho que isso aí, se fosse depender de mim, e se depender de mim, nunca ia esquecer. E um campo desse aqui, um lazer desse aqui, não é para se acabar nunca. Quando o velhinho aqui foi embora, eu, na minha opinião, e a vontade que eu tenho, que a prefeitura ou o estádio tome de conta fazer uma areninha para todos os jovens que nós temos aqui no bairro, né? Tem aquela brincadeira, tem aquele futebol, que é uma coisa muito bom para tirar o jovem de muitas coisas ruins, né? É isso que eu penso, que eu já construí isso aqui com essa intenção. Quando eu comecei, as condições eram financeiras, mas faz muitos anos que eu cheguei aqui no Jardim União. Mas com a força de Deus, eu construí, minha filha, isso aqui. Isso aqui era bonito. Era lindo esse campo, todo gramado. E o único político que na época, hoje é político, na época não era. Era um funcionário, Joaquim Rocha, não sei se você já ouviu falar. Ele conseguiu trazer energia para cá. E está com uns 30 anos. Trouxe energia para o nosso campo aqui, para o nosso lazer. E eu fiz isso aqui com a força de Deus. Meus tostãozinhos pedindo a uma e a outra máquina dos meus patrões. Trouxe essas ruas aqui, tudo eu aterrei. Não passava um carro na época. Despejava uma carrada de entulho no buraco assim e ia embora. E eu devagarinho consegui aterrar todas as ruas aqui. Todas. Depois, com a continuação, trouxeram esse calçamento para cá, que foi o Joaquim também que arranjou para cá.

[Entrevistador] Isso quando, mais ou menos?

[Francinele] Esse calçamento está com poucos anos Eu acho que está com uns 3 anos Mais ou menos Toda a rida aqui A gente foi um pouco esquecido Sobre a prefeitura Os outros bairros Tem muitas coisas boas Mas aqui não faz Você vê que essa avenida aqui Essa rua aqui Essa parte aqui Já era para ser asfaltada Não é? É um calçamento ruim, péssimo Mas fazer o que, né? Eu faço pedido a muitas pessoas, me prometem, mas promessa, minha filha, acho que nem santo quer mais, né? Ninguém vive disso aí mais, né? Tem que prometer e fazer. O pessoal promete, mas não faz, né? Tempo das eleições, garante tudo pra gente. Não vem.

[Entrevistador] Eu vou interromper o senhor só para a gente começar de fato a entrevista, tá? Com a Júlia e aí a gente vai iniciar a gravação.

[Entrevistador] Boa tarde, meu nome é Júlia, moradora do Passaré, estudante da 2 de Maio e vou te entrevistar. O senhor poderia se apresentar?

[Francinele] Bom, eu sou Francisco Salles dos Santos, conhecido por Francinele, moro aqui no Bangu. Eu cheguei aqui... Eu acho que... Estou mais nem lembrado, viu, negado? Está com muitos anos. Eu cheguei aqui, eu acho que no... É, 91, não estou bem lembrado não. Sei que está com uns 41 anos por aí, que nós moramos aqui, por aí, nessa faixa aí. Uns 40 anos, nessa faixa. Estou bem lembrado não.

[Entrevistador] O que o senhor lembra sobre o início do bairro Passaré? E o que continua igual e o que mudou?

[Francinele] Bom, que eu lembro do começo, que quando eu cheguei aqui no Jardim União, não existia um carro aqui dentro, nem uma moto. Aqui ficava uma bicicletinha. Era muito triste. Eu lembro que eu comprei uma casa aqui na rua S, se não me engano, e um amigo meu me perguntou se eu estava ficando louco de morar aqui. Aí eu disse, não, eu fui lá passear na casa da minha cunhada e gostei do lugar e vou morar lá. Eu morava na Ceibuca. Eu sempre gostei de um lugar assim, calmo, né? Sempre gostei de morar assim, calmo. E eu vim pra cá, na época, isso aqui não existia. Isso aqui, o mato era maior do que essa minha casa, mais alto. E onde eu comprei a casa é onde você mora, né? Era ali. Foi ali que eu fiz o meu começo. Trabalhei quatro anos para construir a casa. As coisas devagar, né? Nesse tempo meu transporte era uma bicicleta. E fui andando. Hoje está muito melhor. Hoje não tem nem comparação da época que eu cheguei aqui. A diferença muito grande. Isso aqui era... Mato grande. Ninguém sonhava isso aqui ser residência. E nem começo nada. Nem campo de futebol. Ali era lama pura. Ali tinha mais de dois metros de altura de aterro que eu fiz aí nesse campo. Para poder tirar da água. Para hoje tem esse lazer. É uma vida grande, minha filha, aqui. Vida grande no Bangu.

[Entrevistador] Quais foram as primeiras famílias ou moradores que chegaram por aqui?

[Francinele] Bom, as primeiras famílias que eu lembro, a minha cunhada foi uma, que é a Dona Lucirene, que é irmã da minha esposa. Isso aí foram uns, vieram lá da Ceibuca, da onde a gente morava também, que eu morava lá também. E vieram de lá para cá, foram os primeiros. Aí outras pessoas, outros pessoal que vieram, que são também, eu não conheço, mas dos que eu conheço, foi esse pessoal aí que chegou aqui primeiro.

[Entrevistador] Quais mudanças mais marcaram o bairro ao longo dos anos? Qual que mais te marcou?

[Francinele] O que mais me marcou aqui no bairro, né? Bom, o que mais me marcou, é como se diz, eu fico assim em dúvida porque Para mim mesmo, o que

me marcou mais é só o bairro que cresceu. Aqui o nosso bairro cresceu demais. Porque eu pouco ando, meu filho. Passare que aqui do outro lado também, eu tinha de andar lá no tempo que eu jogava bola. Nunca mais no mundo. Eu só saio daqui se for para olhar um serviço com meu filho. Aí chego aqui, fico plantado aqui e saio para uma sinuquinha ali para jogar uma sinuquinha, que eu gosto. É a única coisa que eu vou.

[Entrevistador] E aí, seu Francinele, fale um pouquinho sobre a mobilização que o senhor conseguiu fazer, o senhor mesmo de aterrar aqui.

[Francinele] Minha filha, isso aí foi um milagre. Eu, toda a gente foi uma pessoa muito feliz, graças a Deus. Sempre Deus esteve comigo. Eu trabalhava na época numa empresa que se chama Pavité. E o patrão me queria muito bem. E aí quando era sábado, era folga para o operador da máquina, e eu pedia a ele. Seu Luiz, me arranja o operador e a máquina. O operador eu pago, a máquina eu não tenho como pagar, mas eu boto o óleo. Vamos fazer benefício lá no Jardim União. E assim eu fui ajeitando. E hoje está aí o Jardim União famoso. Só de jovem o pessoal que estão aqui, né? Muita gente. Tudo bonito. Né, minha neta? É. Pois é. E o que mais?

[Entrevistador] Tem alguma história curiosa ou importante que o senhor viveu? Viveu. Ou vive. Ou vive. Ou é. Viveu ou ouviu sobre o Passaré? Tem alguma história? História?

[Francinele] Não. Sobre isso aí eu não lembro. Não. Não. Eu só sei mais do que passou por mim, o que eu construí, o que eu fiz até hoje. Isso aí é a cabeça que ainda o computador está funcionando bem. Porque eu nunca fui gente assim de estar em meio de muitas conversas. Eu sempre fui reservado. Meu negócio é trabalhar e ganhar dinheiro. Sempre fui assim. Eu corro a boa.

[Entrevistador] Na sua opinião, o que faz o Passaré ser especial ou diferente dos outros bairros? Que faz o... Como é que se diz? O Passaré. O que faz ser diferente ou especial dos outros bairros?

[Francinele] Ah, minha filha, aí eu não sei responder porque...

[Entrevistador] É o Jardim União que ela quer saber. É o Jardim União. O que faz ser diferente dos outros bairros? Você sabe. É um bairro calmo, todo mundo é amigo.

[Francinele] Aqui pelo menos, aqui no nosso bairro onde eu moro, eu sempre digo que aqui nós todos somos uma família. É porque às vezes perguntam e eu não entendo o que é. Eu sou do tempo do prego. Muitas perguntam e eu não entendo o que é. Aqui nós somos uma família. Aqui quando um tá precisando de uma coisa, você junta todo mundo, né? Bora levantar. É, somos assim. Aí meus clientes chegam aqui, eu digo, ó, tamo com um rapaz aqui, um rapaz do meu passando

necessidade, bora me dê um dinheirinho aí, me dá cem reais, me dá cinquenta, e eu junto ali, aí a gente faz o feirão e leva, e levanta a pessoa. Aqui nós somos assim. É. E a gente se sente feliz, graças a Deus. É, e eu gosto muito de ajudar. Eu nasci para ajudar. É, nasci para ajudar. Graças a Deus. É o meu coraçãozinho que é bom.

[Entrevistador] O senhor pode contar mais sobre a sua... Tipo, que o senhor fundou o Campo do Bangu, né? O senhor ajudou. Pode contar mais sobre?

[Francinele] É, minha filha, aí é o seguinte. Sobre o Campo do Bangu, a luta é grande, viu? Muito grande. Se eu for contar o sofrimento que eu tive do começo para agora, para hoje, é uma luta. É uma luta porque primeiramente quando a gente começou, o campo era assim, as traves de carnaúba, bem estreitinho, e bem encostado na cerca aqui do projeto aqui, A bola muitas vezes ia para o lado de dentro, aí o pessoal chegava para mim e eu falava assim, não, rapaz, está caindo muita bola aqui, dá um jeitinho aí, bora mudar esse campo, assim. O contrário, eu digo, bora, fui, meti a máquina para cima, fiz assim, o campo que era grande, o campo era 100 por 80, assim, mas descendo, era assim, tipo uma rampa. Porque era muito trabalho, mas a gente jogava bola, subindo era bom porque perdia a caloria ligeira, perdia quilo ligeiro. Para descer tinha mais ventilação, né? Eu sei que nessa arrumação, depois lá se vinha o projeto, o projeto aí, né? Pediram para mudar de novo, fazer assim. Aí lá se vai continuar assim. Mas nesse tempo, o Estado, ou foi a Prefeitura, arregaçaram tudo aí com máquina, fizeram aqueles paiol de terra, de barro, barro vermelho. Tinha uma rampa muito grande do campo subindo para o lado do projeto e baixaram tudo. E eu sei que, por final de conta, queriam fazer um campo para os meninos aí do projeto. E nós não queríamos perder o campo porque a gente brincava. Então a gente entrou numa confusão grande, sabe? Metemos a mão no bolso, que nem diz a história, e pegamos 700 assinaturas. Bem ligeirinho, né? Na época, a nossa líder aqui era a Munda, se eu não me engano, era a dona Munda. E a gente foi para a questão uma doutora Branca, não sei se você conhece, doutora Branca, pois é. E a gente venceu. Lá perguntaram, quem é que cuida desse campo? Porque eu não ia, nunca gostei de... Não ia, mas os representantes nossos diziam, não, quem cuida lá é o Sr. Francinele. E a gente venceu. E ficamos, e hoje estamos aí, né? Agora está um pouco feio agora, porque o Cristiano me disse que eu fazia areninha. e não precisava gastar mais porque mas esse campo era bem cuidado quando eu tava ali até o ano passado ele tava bem cuidado aí do ano passado para cá e ninguém fez mais nada que nós estamos aguardando aí a areninha que prometeram para nós.

[Entrevistador] Obrigada

[Francinele] Nada viu tudo de bom que Deus que Deus abençoe vocês viu, que sejam Todos formados para trabalhar por nós. Se Deus quiser.